

## A ESCRITA, O ESCRITO E O PSICANALISTA ENQUANTO *DICHTER*

THE WRITING, THE WRITTEN AND THE PSYCHOANALYST AS *DICHTER*

Lucas Krüger<sup>1</sup>

**Resumo:** O Ensaio levanta alguns questionamentos histórico-críticos acerca da escrita e do escrito em psicanálise, para refletir sobre o psicanalista enquanto *Dichter* e o que significa essa proposição. O texto finaliza por ressaltar o caráter de composição do trabalho do analista, como contraponto à decomposição; problematizando, assim, o significado da palavra “análise”.

**Palavras-chave:** Escrita. *Dichter*. Escrita em psicanálise. Composição.

*Abstract:* The essay raises some historical-critical questions about the writing and the psychoanalysis in order to reflect on the the written in psychoanalysis as *Dichter* and what this proposition means. The text ends emphasizing the composition character of the analyst’s work as a counterpoint to decomposition problematizing thus the meaning of the word “analysis”.

*Keywords:* Writing. *Dichter*. Writing in psychoanalysis. Composition.

Existem muitos tópicos a serem abordados se pretendemos refletir sobre o escrito e a escrita em psicanálise. É um tema que pode abrir-se infinitamente sem que o esgotemos. Desejo privilegiar neste texto alguns aspectos que dizem respeito à escrita como ato de escrever; e ao texto escrito enquanto obra. Mas, para além de abordar esses dois pontos de maneira isolada, é importante refletir sobre o papel do leitor e a maneira com que este se relaciona com o escrito.

A exposição está dividida em três subcapítulos, nos quais almejei uma comunicação direta, mais próxima da fala. No primeiro desses subcapítulos, levanto alguns questionamentos histórico-críticos, especialmente sobre a forma, para nos seguintes refletir sobre o psicanalista enquanto *Dichter* e o que significa essa proposição. Outra intenção deste escrito é de que, à medida que avançamos, as primeiras exposições possam ser gradativamente ressignificadas a partir dos novos elementos que vão adentrando o texto.

### A ESCRITA E O ESCRITO EM PSICANÁLISE: UM PONTO DE VISTA HISTÓRICO-CRÍTICO

A primeira parte deste ensaio, devo admitir, mudei incansáveis vezes. Para chegar nestas primeiras páginas, escrevi muitas outras. Essa experiência é justamente o que desejo evocar como início de nossa conversa: por um lado, há um “corte” do que seria excessivo, por outro marca a trabalhosa tentativa de

<sup>1</sup> Escritor, editor (Editora Artes & Ecos, especializada em poesia e ensaios de psicanálise) e psicanalista. Membro Efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. E-mail: lucas\_kruger@hotmail.com

dar vida a um objeto-texto que possa se relacionar intimamente com o leitor. Seria uma intervenção vazia confeccionar um texto que invada a percepção do leitor a ponto de ele não se sentir criando conjuntamente o texto que lê. No objeto-texto deve haver lacunas que se apresentam para a relação e uma nova e interminável cocriação com o quem o lê<sup>2</sup>.

Para darmos seguimento, é importante começarmos a diferenciar o que é um escrito *sobre* psicanálise do que é um escrito psicanalítico, e defenderei que é o fazer do analista o que marca essa diferença. O que, mais diretamente, significa: não basta escrever *sobre* psicanálise, há de *ser* analista durante a escrita e tratar as palavras com o cuidado e o apreço com que o analista as trata em seu consultório. Isso pode parecer obvio e simples, mas não é.

Há algo de inapreensível no ser humano que, conseqüentemente, permeia nossa prática enquanto psicanalistas. É difícil intervir “suficientemente bem” em nossa clínica. Muitas vezes “acertamos”, outras não. Ocupar o lugar de psicanalista na escrita é ainda mais difícil e “erramos” ainda mais frequentemente. Quando falamos “sobre” psicanálise, estamos distantes, não implicados, e esquecemos que cada palavra do analista é sempre uma intervenção. E, ao escrevermos “com” psicanálise, estamos conscientes de que o texto que estamos construindo é a própria intervenção, um terreno fértil para a experiência, onde cada frase confeccionada pode ser pensada para operar como uma janela transferencial na futura relação do leitor com o escrito.

O tema da escrita em psicanálise parece estar em voga. Isso, por si só, não mereceria indagações? Talvez possamos somar esta indagação a outro assunto muito evocado pelos psicanalistas: o “excesso”. Estamos às voltas com o excesso presente na contemporaneidade, nos “casos difíceis”, o excesso do traumático, do mortífero, ou qualquer outro ângulo do qual nos interessarmos abordar a questão. É um tema que identificamos facilmente na cultura e no outro, mas enxergar em si é sempre mais difícil. Será que não poderíamos nos questionar se não está havendo uma demanda externa excessiva pressionando os analistas a escrever em maior quantidade? Ou mesmo uma pressão interna desproporcional?

Como todos estamos sujeitos a pontos cegos, me parece importante problematizarmos a questão da produção escrita em psicanálise sobre o ponto de vista da qualidade vs. quantidade. Afinal, estamos imersos na cultura e atravessados por essas demandas.

Minha intenção não é tecer críticas a fenômenos de massa. Trata-se, simplesmente, de problematizar. O escrito psicanalítico possui especificidades que precisam ser retomadas. E uma delas se refere, literalmente, à forma do enunciado. Os textos dos primeiros periódicos psicanalíticos eram genuínas trocas de experiência entre psicanalistas. Todos tinham os mais variados formatos e estilos, inclusive na maneira de referenciar as contribuições auxiliares. O pré-requisito era, simplesmente, a manutenção da ética e, desde que atravessado pela ética, o psicanalista intervinha textualmente de maneira genuína e da forma que lhe parecesse mais adequada à ocasião.

Nestes textos, a “voz” do analista era facilmente identificada. Assim como Freud compartilhava em seu escrito suas experiências, dúvidas, incertezas e questionamentos a serem ainda desenvolvidos, os demais analistas faziam o mesmo. O importante era compartilhar tudo que lhes ocorria. Colocar o texto a serviço do encontro. Como critério principal: expor ideias e vivências em cir-

culação, para que, através do contato com os colegas, elas se desenvolvessem. Para isso, nem sempre são necessárias muitas palavras.

O exemplo mais fácil de tomar seria a respeito do tamanho do objeto-texto: nos primórdios da psicanálise eram publicados inúmeros textos muito pequenos. Basta revisar as publicações presentes no *Jahrbuch der Psychoanalyse*<sup>3</sup>, no *Zentralblatt für Psychoanalyse und Psychotherapie*<sup>4</sup> e no *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*<sup>5</sup>, principais meios de publicação nas primeiras décadas do movimento psicanalítico. Encontramos nestes periódicos grande quantidade de escritos curtos. Muitos deles não ultrapassam uma ou duas páginas, por vezes não ultrapassam um ou dois parágrafos<sup>6</sup>. Bastava haver uma ideia nova digna de compartilhamento e posterior discussão. Me parece importante assinalar essa questão, já que por vezes nos deparamos com textos imensos onde não conseguimos pescar novas ideias.

Estamos falando das principais revistas psicanalíticas, com publicações dos grandes psicanalistas desse período. Parece que nós, enquanto psicanalistas, às vezes nos esquecemos disso. O objeto-texto psicanalítico é a perpetuação (no sentido de deixar uma marca gravada) da intervenção de um analista. Difere da fala apenas no que tange ao acesso público, e também póstumo. O texto pode ser eternamente revisitado em seus meandros, enquanto que a intervenção falada, na clínica, além de seu caráter privado, jamais poderia ser lembrada em sua totalidade e em um estatuto de fala-objeto de uso posterior.

O que aconteceu com esse tipo de escrita? Obviamente ele existe, mas é minoria. Uma parte dessa resposta seria de que essa comunicação genuína, na qual prevalece a forma e a linguagem escolhida pelo analista para sua enunciação, foi se extinguindo à medida que os formatos da academia foram sendo incorporados à forma psicanalítica de escrever, a ponto de nem nos questionarmos mais sobre isso. É um contrassenso pensar que muitos textos que desenvolveram a psicanálise não seriam admitidos hoje para publicação devido à sua linguagem, forma e tamanho ou qualquer escolha estética diferenciada de uma pré-padronização<sup>7</sup>.

Certamente há um novo tipo de sofrimento que acompanha o psicanalista: o de adaptar sua singularidade a uma formatação específica na hora em que pretende compartilhar suas ideias. O analista a “deformar-se” para caber no objeto-texto<sup>8</sup>.

A massificação e homogeneização, tão criticadas como efeitos da globalização, influenciam a maneira de escrever do psicanalista. Essa forma o direciona a escrever mais sobre psicanálise do que a ocupar seu lugar de psicanalista, genuinamente, ao trabalhar com as palavras. Ora, há um contrassenso. Quer dizer que se espera que o analista enuncie de maneira exatamente oposta dentro de um texto e dentro da clínica. Quando intervimos, estamos sempre levando em conta a dimensão transferencial com a intenção de produzir algo novo, jamais encarnar a repetição.

Tenho a percepção de que muitas vezes é mais fácil ler/escutar a voz/estilo de um psicanalista através de uma entrevista do que em seu texto. Sua obra parece mais límpida posta em curtas frases. Minha hipótese é de que, no campo da escrita, incorporamos alguns pré-formatos que na verdade deformam e oprimem uma potencial enunciação genuína do autor. Acredito que a palavra do analista deveria ser, em todos os espaços a que ela é convocada, sempre uma palavra viva<sup>9</sup>.

Ao refletirmos sobre a prática clínica, não seria inverídico dizer que o analisando ainda não acostumado com a psicanálise espera ouvir muitas palavras do analista. E, não as recebendo em sessão, pode ficar com uma primeira sensação de que foi tratado como “coisa pouca”, com menor importância. Esperava muito mais palavras do analista...sem se dar conta de que o “muito mais” estava como potencial a ser explorado dentro dessas “poucas palavras”.

Não me parece que a intervenção do analista na escrita deva ser diferente da intervenção na clínica. Sendo radical a partir desta metáfora, eu arriscaria dizer que a intervenção do analista na página deveria ser análoga a de quem escreve um poema – no sentido de contemplar as lacunas, o que permite trânsito e abre espaço para vivências potencialmente transformadoras. Um texto que privilegia a lacuna seria um texto que se apresenta como faltante, incompleto, e de certo modo análogo a uma intervenção clínica construída em uma análise. Artefato-texto dependente da relação com quem o recebe para atingir seu potencial. Chegamos a uma “boa intervenção”, geralmente, com o uso de poucas e simples palavras. Condensar muitos elementos em poucas palavras, fazer uma composição, seria – para além da escuta – a grande tarefa do analista.

Lembrando que o humor nos ajuda a “afrouxar” o que está enrijecido, comicamente me permito imaginar Freud, nos dias atuais, sendo bombardeado incessantemente com convites de escrita por milhares de revistas e mídias. Ele, que teria muitos de seus textos rejeitados hoje por conta da forma, e que, por vezes, guardava e lapidava suas ideias por anos até publicá-las. Como é difícil sustentar uma palavra viva na escrita diante de tantas demandas...

### O *DICHTER* E ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A POÉTICA E A PSICANÁLISE

Seguirei a discussão através da minha transferência com o texto freudiano. Vejam, não pretendo discutir minha transferência com Freud, mas sim com os objetos-textos que ganharam vida própria a partir do momento de sua publicação. O texto é um objeto passível de uso e há nele um potencial de relação em aberto. E, nessa perspectiva, as perguntas que se anunciam são: por que um autor psicanalista cria um objeto-texto e que tipo de uso um leitor psicanalista pode fazer desse objeto-texto?

O termo objeto-texto foi a forma que encontrei para expressar o que seria o texto como “algo” independente de quem o escreveu. Dependendo da maneira que o leitor se relaciona com cada texto, com cada palavra que ali foi colocada, pode percorrer distintos caminhos associativos que lhe permitem chegar a novas construções, talvez até desviando das intenções de quem escreveu. O que, a título de exemplo, para o pensamento que estamos a construir, seria análogo a dizer que se relacionar com um objeto artístico é diferente de relacionar-se com as intenções do artista e até mesmo com o que o levou inconscientemente a produzi-lo. Isso não exclui que o leitor possa imaginar as intenções do autor ou do artista. Mas essa imaginação já é uma forma de usar o texto. Uma das formas possíveis e não a única forma possível. Portanto, reforço que o termo objeto-texto é usado para descolar<sup>10</sup> o texto de seu autor: o objeto-texto passa a ter vida própria tão logo é publicado e assim se torna passível de todas as formas de uso de acordo com a recepção do leitor a este artefato.

A intervenção do analista em sessão não é feita no sentido de afirmar uma verdade. É uma intervenção que sustenta o enigma indissolúvel e inapreensível da existência humana. No caminho, e não na linha de chegada, está a vida. É cara a ideia de Christopher Bollas<sup>11</sup> de que estamos sempre em busca de objetos

que nos transformem. A busca humana seria a vivência transformacional através do encontro com o objeto. Iríamos ao encontro desses objetos, acima de tudo, pela função transformacional contida na relação com estes. E é a função do objeto-texto psicanalítico e da escrita psicanalítica o que estou tentando problematizar neste ensaio.

Escrever é uma coisa, publicar é outra. Um escrito não publicado seria tal qual um devaneio. Algo que se experimenta internamente, em silêncio. Não há um sujeito outro que o recebe. O devaneio pode se relacionar com os mais variados objetos internos, mas não se relaciona com o outro. O devaneio é ainda um ensaio de relação, e não a relação propriamente dita. É uma atividade essencial para o escritor, sem dúvidas. Mas há de se marcar essa diferença no que tange à relação com o que é interno e o que se coloca para relação com outros indivíduos.

Não à toa convoco a ideia de devaneio nesta diferenciação entre o que é vivenciado internamente e o que é enunciado, seja a fala, seja a escrita. Justamente no texto em que Freud aborda, dentre outras questões, o devaneio, há uma chave para aprofundarmos as relações entre a escrita, o escrito e o leitor. O texto em questão se chama *Der Dichter und das Phantasieren* (2014), possuindo traduções variadas em português, dentre elas “Escritores criativos e devaneios”<sup>12</sup>, “O escritor e a fantasia”<sup>13</sup> e “O poeta e o fantasiar”<sup>14</sup>. A palavra-chave *Dichter* pode nos servir tanto para pensar o que seguirei expondo quanto para refletir sobre o primeiro subcapítulo.

Traduzir *Dichter* por “escritor”, “escritor criativo” ou “poeta” é uma escolha difícil, pois esta palavra nos dá abertura para irmos, inclusive, além. O verbo *Dichten* está intimamente ligado ao ato de compor e, de fato, muitas vezes ligado ao que poderíamos chamar de “campo da poesia”. Haroldo de Campos<sup>15</sup> em texto, justamente sobre tradução, define a palavra *Dichtung* como “obra de arte verbal”, acentuando sua essência como dotada de uma “secreta poeticidade”. Ambas as definições de Haroldo remetem à essência do objeto-texto. Logo, antes de procurarmos uma denominação em português para *Dichter*, é fundamental entendermos sua essência. Um *Dichter* é, acima de tudo, quem faz uma obra de arte verbal em que residiria uma secreta poeticidade.

Não à toa, *dicht* significa denso e *Verdichtung* (comumente traduzido por condensação) é um dos termos mais importantes da metapsicologia freudiana. *Verdichtung* poderia ser traduzido também por concentração, compressão e compactação. Portanto, seguindo a abertura que a palavra nos proporciona, e já fazendo uma “condensação” (em termos freudianos), *Verdichtung* é um termo que se apresentaria paradoxal, pois indicaria ao mesmo tempo compactar algo e tornar esse algo poético. Não à toa, Ezra Pound<sup>16</sup> chega a criar a equação *Dichten = Condensare*.

Portanto, quando me remeto à palavra *Dichter*, levo em conta todas as dimensões apresentadas acima. Poderia, talvez, ter optado por fazer uso de outro termo neste escrito, mas a própria *Verdichtung* contida dentro da palavra *Dichter* faz alusão direta a questão da composição com palavras. *Dichter* é quem faz a composição, mas também uma palavra composta – densa em significado.

Tomando distância do alemão, vejamos como Paul Valéry descreve a *Poética* apontando para sua etimologia: “nome de tudo o que se relaciona com a criação ou com a composição de obras em que a linguagem é ao mesmo tempo substância e meio – e não com o sentido restrito de escolha de regras

ou de preceitos estéticos relacionados à poesia”<sup>17</sup>. O “poeta” não é quem faz poemas, assim como a poética não está presa à poesia. Estamos adentrando um campo para além de uma estrutura formal da escrita, estamos falando de uma transcendência.

O mesmo Valery nos fala, literalmente, já que o texto é transcrição de uma de suas aulas, de forma ainda mais aberta sobre a poética. Ele amplia o conceito, abrangendo “obras do intelecto”, e inclui nesta categoria de obras intelectuais as obras da ciência. Aumenta o campo para além do que seria estritamente literário.

Dentro do que contém a palavra grega original *poiesis*, Valery acentua o fazer, o *poein*, o ato de realizar uma obra. “Expressão originária do verbo *poiéo* (fabricar, executar, confeccionar), *poiesis* traduz-se por fabricação, confecção, preparação, produção.”<sup>18</sup> Fabricar, na Grécia antiga, é o que hoje chamamos coloquialmente de “botar a mão na massa”. Há uma artesanaria. Botar a mão na massa é dar forma a uma massa que ainda não está dizendo nada enquanto massa amorfa, mas é um potencial dependendo da maneira como é manejada. Tal qual o corpo humano é uma massa que se movimenta devido a articulações.

Não seriam as obras psicanalíticas compostas por uma linguagem que é ao mesmo tempo “substância e meio”, como diz Valery? A criação de um conceito não seria uma espécie de *Verdichtung*? Uma composição que concentra infinitas aberturas em uma única palavra?<sup>19</sup>

E não seria a intervenção psicanalítica “suficientemente boa” uma obra de arte verbal que contém uma secreta poeticidade? O psicanalista jamais profere uma verdade estática, sua fala sempre contém algo do enigma, o secreto, algo que não está pronto e que contém a devida poeticidade para que o outro possa relacionar-se com ela. A palavra proferida pelo analista é substância e é o meio: é o processo. O escrito *Dichter und das Phantasieren* vai ainda além e amplia a condição de *Dichter* a todos: “no íntimo, somos poetas (*dichter*), e de que só com o último homem morrerá o último poeta (*dichter*)”.<sup>20</sup>

O texto de Freud localiza o brincar infantil como origem do *Dichter* e faz da infância não só a substância, mas um meio. É preciso acessá-la, é preciso alcançar a essência do *Dichter* que há na infância. Mas se tomamos a noção de que a *Dichtung* é uma obra de arte verbal, dizer que todos são *Dichter* seria reducionista, ainda que certamente possamos afirmar que o brincar infantil movimenta o *Dichter* e faz parte do *Dichter*.

Em nossa condição de leitor em relação com uma obra poderíamos, por exemplo, imaginar que Freud escreveu que todos somos *Dichter*, de maneira a condensar em “todos” o que é algo seu, particular. Nessa concepção ele, Freud, estaria anunciando-se de maneira inconsciente enquanto *Dichter*. E a ousadia de sua afirmação poderia ser o que o fez generalizar “a todos”, diminuindo o peso que a enunciação teria para si.

Só ousar me relacionar com a frase desta maneira, justamente porque Freud é de fato um *Dichter*. Toda a construção teórica freudiana, seu sistema metapsicológico, é uma *Dichtung*. O escrito psicanalítico só existe, enquanto tal, devido ao trabalho de um *Dichter*. Para dar apenas um exemplo, Freud fez da simples palavra *Trieb* (“pulsão”) um palavra cheia de significados. Portanto, ser fiel a Freud e à psicanálise no ato de escrever é exercitar-se enquanto *Dichter*. Na posição de quem cria, faz novas composições, oferece novos sentidos e não de quem repete.

Assim como o ato de escrever é um desdobramento do falar, o ato de ler é um desdobramento do escutar. O escrito psicanalítico ocupa um espaço potencial para todos que se relacionam com ele. Escrever/falar/intervir em psicanálise não deveria possuir como ideal oferecer respostas, preencher lacunas. Há de se manter um espaço de dúvida, uma brecha para o enigma e para a secreta poeticidade. Lacuna que permite a circulação dos afetos, terreno fértil, com potencial transformador, entre o escrito (enunciado) e o leitor (receptor). Afinal, ler não é simplesmente incorporar, colocar dentro de si algum conhecimento.

Ler é escutar. A escuta psicanalítica contempla a atenção, mas também possui seu caráter flutuante que almeja transcender o conteúdo manifesto. Portanto, a escrita psicanalítica tem a responsabilidade de, artesanalmente, criar um objeto que contém e media uma fala/escrita e uma escuta/leitura. O objeto-texto nasce com uma voz emprestada pelo analista, mas descola-se deste, adquire vida própria e passa a conter um potencial relacional entre si (objeto-texto) e o leitor-psicanalista que o recebe.

Não sabemos e nunca saberemos quem foi Freud, Klein, Bion, Lacan, Ferenczi, Winnicott e toda a infinidade de importantes nomes da psicanálise. Todos nos relacionamos com os artefatos verbais criados por eles. Não acessamos sua clínica, nem seus pensamentos. Acessamos seus artefatos. Obras estas que foram criações de linguagem viva.

Do ponto de vista autoral, os temas nunca são do autor, são temas da humanidade. Morte, amor são duas grandes temáticas com inúmeros derivados...O singular é a forma como esses temas são trabalhados pelo autor. O *Dichter* mais antigo que possa ter havido no mundo, assim como o mais novo, trata desses temas. Renomeia-os. Faz novas composições. Exercita a forma de apresentá-los.

Repito, a diferença é a forma. É a forma que leva à transcendência, não o conteúdo. E os grandes autores psicanalistas o são devido à forma com que tratam desses conteúdos. Do modo como “põem a mão na massa”. O *Dichter* é aquele que trabalha para construir a forma-conceito que tangencia o inapreensível do ser humano — tarefa que é o próprio trabalho do psicanalista.

### O “PSICOARTENALISTA”

A palavra análise (do grego *análisis*) significa decomposição em partes. Na química, é o processo de decompor uma substância em suas partes constituintes — exato oposto da síntese. A palavra *psicanalista* nos engana um pouco sobre a totalidade de nossa função, pois ser um psicanalista não é ser simplesmente quem analisa ou “decompõe”. Ser psicanalista é mais amplo do que isso. Esta inventada palavra — “psicoartenalista” — não apaga o caráter de decomposição da análise, apenas agrega o caráter de composição, da artefaria, de condensar elementos para fazer nascer algo novo.

O psicanalista trabalha com a “matéria” psíquica. Ser um psicanalista (quem, etimologicamente, decompõe o que é do campo psíquico) é ser também um “psicoartenalista” (quem compõe o que é do campo psíquico). Aquele que trabalha com e na “matéria” psíquica de maneira artesanal, singular, não apenas na sua decomposição.

É essencial em nosso trabalho pensarmos sobre a composição, especialmente no que tange à escrita. Um novo poeta não inventa o amor, cria artesanalmente um objeto que o contém. É responsabilidade de cada psicanalista que se coloca na tarefa da escrita encontrar/criar suas próprias palavras e a partir disso propiciar novas janelas psicanalíticas.

## NOTAS

2. “Você concebeu isso ou lhe foi apresentado a partir do exterior? O importante é que não se espere decisão nenhuma neste ponto.” WINNICOTT, D.W. *Objetos transicionais e fenômenos transicionais*. In: \_\_\_\_\_. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 28. A relação com o objeto, se vivida em sua plenitude, faz com que o objeto-texto, já não mais na posse do autor, seja sempre um novo encontro potencial de cocriação para o leitor.
3. Anuário de Psicanálise, publicado entre 1909 e 1914. Lista de publicações presente em: <<http://www.psyalpha.net/literatur/psychoanalytische-zeitschriften-vollstaendige-inhaltsverzeichnisse/jahrbuch-psychoanalyse-1909-1914>>.
4. Revista Central de Psicanálise e Psicoterapia, publicada entre 1911 e 1914. Lista de publicações presente em: <<http://www.psyalpha.net/literatur/psychoanalytische-zeitschriften-vollstaendige-inhaltsverzeichnisse/zentralblatt-psychoanalyse-psychotherapie-1911-1914>>.
5. Revista Internacional de Psicanálise, publicada entre 1913 e 1941. Lista de publicações presente em: <[www.psyalpha.net/literatur/psychoanalytische-zeitschriften-vollstaendige-inhaltsverzeichnisse/internationale-zeitschrift-psychoanalyse-1913-1937-1939-41](http://www.psyalpha.net/literatur/psychoanalytische-zeitschriften-vollstaendige-inhaltsverzeichnisse/internationale-zeitschrift-psychoanalyse-1913-1937-1939-41)>.
6. Seleccionamos e traduzimos a partir de consulta aos originais, eu, Felipe Gerchman e Eduardo Spieler, 33 importantes textos de Sándor Ferenczi (FERENCZI, S. *Sintomas, sonhos e melodias*. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2019). Textos estes que, se somados, não chegam a 50 páginas. Boa parte deles possui três parágrafos ou menos. Todos com grande valor não só em seu conteúdo, mas que contribuem para nossa reflexão sobre a forma da comunicação psicanalítica.
7. Continuando a exemplificar a partir do tamanho: apenas a página 96 da Revista Internacional de Psicanálise de 1941 possui 4 escritos distintos (e de psicanalistas diferentes).
8. Aqui, trago para o âmbito da escrita a mesma ideia de Sándor Ferenczi (S, FERENCZI. *A adaptação da família à criança*. In: *Obras Completas*, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011.) quando este assinala os riscos para o desenvolvimento da criança quando esta não é devidamente acolhida em sua singularidade. Quando esta precisa se adaptar aos pais/adultos ao invés destes adultos cuidadores se adaptarem a criança, teremos consequências catastróficas. Não seria desejável que a “voz” do analista se apague traumáticamente por conta de formatos pré-estabelecidos. Assim como o self da criança não deve deformar-se para estar na família, a intervenção do analista não pode deformar-se para estar no escrito.
9. O termo palavra viva é encontrado em livro de Pontalis (PONTALIS, J.B. *À margem dos dias*. São Paulo: Primavera Editorial, 2012. p. 26) e há termo semelhante em livro de Ogden (OGDEN, T. *Reverie e interpretação: captando algo humano*. São Paulo: Escuta, 2013): neste é encontrada a expressão linguagem viva. O que me interessa assinalar aqui é que ambos os escritores fazem uso da problemática da “vivacidade” em oposição ao que seria uma palavra pobre, sofrida, morta ou vazia, sem vitalidade. Abordo, também, este tema da vivacidade no texto “A poesia, a escuta e o uso da palavra na clínica psicanalítica” In: KRÜGER, L; REFOSCO, L. e SILVA, S. (Org.). *Interlocuções na fronteira entre psicanálise e arte*. Porto Alegre, Artes & Ecos, 2017.

10. Apenas apontar para o detalhe: a palavra descolar foi minunciosamente escolhida, pois ela remete à questão narcísica-constitutiva do sujeito de maneira metafórica. No princípio mãe e bebê misturados. No princípio, escritor e escrito misturados. Até o momento que se descolam um do outro.
11. Esta ideia embrionária está presente no livro *A sombra do objeto* (2015) de Christopher Bollas, e desenvolvida por ângulos diferentes nos livros *Forças do destino: psicanálise e idioma humano* (1992), *Sendo um personagem* (1998), *O momento freudiano* (2013) e *A questão infinita* (2012).
12. FREUD, S. *Escritores criativos e devaneios*. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas – vol. IX*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
13. \_\_\_\_\_. *O escritor e a fantasia*. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas – vol. VIII*. São Paulo: Cia das letras, 2015.
14. Idem. *O poeta e o fantasiar*. In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre literatura*. São Paulo: Hedra, 2014.
15. Haroldo de Campos escreve sobre o assunto em “O que é mais importante: a escrita ou o escrito? Teoria da linguagem em Walter Benjamin”, presente no livro *Haroldo de Campos – transcrição, com organização e seleção de textos de Haroldo de Campos realizadas por Marcelo Tápia e Thelma Médici Nóbrega* (2013), nas páginas 147-148 (São Paulo: Perspectiva, 2015).
16. POUND, E. *ABC da literatura*. São Paulo: Cultrix, 2013. p.92.
17. VALERY, P. *O ensino da poética no Collège de France*. In: \_\_\_\_\_. *Lições de poética*. Belo Horizonte: Âyiné, 2018. p. 13.
18. Em texto que apresenta usos diversos, desde a origem, para a noção de poíesis, Jovelina Maria Ramos de Souza nos apresenta: “Expressão originária do verbo poiéio (fabricar, executar, confeccionar), poíesis traduz-se por fabricação, confecção, preparação, produção”. SOUZA, J.M.R. *As origens da noção de poíesis*. *Revista Hypnos*, São Paulo, ano 13, n. 19, 2. sem. 2007, p. 85-96.
19. Como contraponto, me parece interessante assinalar que o livro de Pontalis e Mango (PONTALIS, J.B.; MANGO, E.G. *Freud com os escritores*. São Paulo: Três Estrelas, 2014.) não segue a mesma linha de pensamento apresentada neste escrito. Ao contrário do que é defendido aqui a partir de Valery e das demais considerações sobre o Dichter e os elementos que o compõe enquanto *Verdichtung* (o que está ‘condensado’ na palavra Dichter), Pontalis e Mango preferem ressaltar uma dualidade entre o Dichter e o Forscher (pesquisador). Em seu trabalho, colocam a conceitualização como parte do trabalho do Forscher, deixando para o âmbito do Dichter apenas o que seria do campo poético literário. Logo, seu livro opera numa oposição do que é literário vs. o que é científico. O ângulo que proponho não pretende nem desconsiderar, tampouco discutir essa questão. O objetivo deste escrito é apenas pensar o papel do psicanalista em seu trabalho enquanto compositor de palavras, seja na clínica ou na criação de um objeto-texto (e isto inclui a criação/composição de conceitos).
20. FREUD, S. *Escritores criativos e devaneios*. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas – vol. IX*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 135.

## REFERÊNCIAS

- BOLLAS, C. **A sombra do objeto**. São Paulo: Escuta, 2015.
- \_\_\_\_\_. **O momento freudiano**. São Paulo: Roca, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Forças do destino: psicanálise e idioma humano**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- \_\_\_\_\_. **A questão infinita**. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Sendo um personagem**. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.
- CAMPOS, H. O que é mais importante: a escrita ou o escrito? Teoria da linguagem em Walter Benjamin. In: : \_\_\_\_\_. **Transcrição**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- FERENCZI, S. **Sonhos, melodias e sintomas**. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2019. (Série Escrita Psicanalítica)
- \_\_\_\_\_. A adaptação da família à criança. In: **Obras Completas**, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FREUD, S. Escritores criativos e devaneios. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas** – vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_. O escritor e a fantasia. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas** – vol. VIII. São Paulo: Cia das letras, 2015.
- \_\_\_\_\_. O poeta e o fantasiar. In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre literatura**. São Paulo: Hedra, 2014.
- KRÜGER, L. A poesia, a escuta e o uso da palavra na clínica psicanalítica. In: KRÜGER, L; REFOSCO, L. e SILVA, S. (Org.). **Interlocuções na fronteira entre psicanálise e arte**. Porto Alegre, Artes & Ecos, 2017.
- OGDEN, T. **Reverie e interpretação: captando algo humano**. São Paulo: Escuta, 2013.
- PONTALIS, J.B. **À margem dos dias**. São Paulo: Primavera Editorial, 2012.
- PONTALIS, J.B.; MANGO, E.G. **Freud com os escritores**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.
- POUND, E. **ABC da literatura**. São Paulo: Cultrix, 2013.
- SOUZA, J.M.R. As origens da noção de *poïesis*. **Revista Hypnos**, São Paulo, ano 13, n. 19, 2. sem. 2007, p. 85-96.
- VALERY, P. O ensino da poética no Collège de France. In: \_\_\_\_\_. **Lições de poética**. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.
- WINNICOTT, D.W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: \_\_\_\_\_. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.